TAQUITESTE\_115ppm

**Senador Auro Moura Andrade declara vaga a presidência. Ranieri Mazzilli é empossado**

Naquela sexta-feira, vinte e cinco de agosto, ao contrário das demais, o Congresso estava lotado. Deputados e senadores discutiam as denúncias feitas por Carlos Lacerda

**Lorena Paim**

Naquele cinte e cinco de agosto de mil novecentos e sessenta e um, foi muito forte o burburinho na sessão da Câmara dos Deputados em que os parlamentares tomaram conhecimento, oficialmente, da renúncia de Jânio Quadros. Um contraste enorme com a sessão conjunta do Congresso, realizada logo em seguida, num silêncio absoluto, quando foi anunciado que o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, assumiria a presidência da República no lugar do renunciante.

A presteza do senador Auro Moura Andrade, presidente do Congresso, evitou que a renúncia, surpreendente, deixasse espaço para outras soluções. Em suas memórias e em outros depoimentos, Moura Andrade (falecido em mil novecentos e oitenta e dois) disse ter tomado a decisão mais compatível com o que prega a Constituição. Ou seja: no impedimento do presidente da República, assume o vice e, caso este não possa, o presidente da Câmara. O momento era delicado, pois o vice João Goulart, o Jango, estava em viagem à China. Assim, o caminho legal apontava para o nome de Mazzilli.

Comemorava-se o Dia do Soldado em todo o País, inclusive no âmbito da Câmara, em Brasília. Era sexta-feira, dia habitualmente de revoada dos parlamentares para suas bases, mas aquela sexta-feira foi diferente. Havia quórum alto tanto na Câmara quanto no Senado, pois o pronunciamento do governador da Guanabara, Carlos Lacerda, no dia anterior, deixara eletricidade no ar. O que aconteceria depois da acusação deste oposicionista de que Jânio estaria tramando um golpe?

O senador Moura Andrade estava em seu gabinete, no Congresso, mas com passagem reservada para viajar a São Paulo. Já havia aberto a sessão do Senado. Foi quando o ministro da Justiça, Pedroso Horta, chegou com uma missão dificílima. Passou às mãos do senador uma breve comunicação, escrita de próprio punho e assinada pelo presidente da República:

“Nesta data e por este instrumento, deixando com o ministro da Justiça as razões do meu ato, renuncio ao mandato de presidente da República.Brasília, vinte e cinco de agosto de mil novecentos e sessenta e um.Jânio Quadros”

Conhecido por ser um orador preciso, o paulista Moura Andrade (PSD), que tinha quarenta e cinco anos na ocasião, conversou com o ministro, indagou pormenores e ficou sabendo que a renúncia de Jânio era voluntária. “Tudo se resume a isto: o Presidente não quer mais ser presidente”, teria explicado o ministro diante das perguntas do parlamentar.

## Decisão de convocar sessão extraordinária

Em suas memórias, Moura Andrade revela um sentimento de indignação, “porque sabia que tudo não passava de uma pantomima, de um golpe de Estado aos moldes de uma suprema vaidade: ele (Jânio) queria voltar nos ombros dos militares, para fechar o Congresso, cessar a democracia, revelar-se o que sempre foi: o vilão, a quem só faltava o bastão”.

Em meio a essa situação, chegava ao Congresso, sendo distribuído entre os parlamentares, um telex do professor Afonso Arinos, ministro das Relações Exteriores:

“Os ministros militares não podem tomar conhecimento do documento da renúncia antes do Congresso Nacional, e o Congresso Nacional, por sua grande maioria, é concitado a recusar a renúncia, sem o que será o caos, a guerra civil”.

Entendendo que uma renúncia “não é objeto de deliberação; não pode ser recusada”, Moura Andrade retomou a sessão do...